

Do Yoga e das suas profundas dimensões.

Finalmente, um “*satsang*” (“bebendo” a presença e recebendo as ondas de percepção, sem qualquer preconceito do passado) teve lugar com um oficial da polícia francesa (*P*). Ele conhece *Hatha Yoga*, *Mantra Yoga* e também *Kriya Yoga*, ensinado por Shibendu (*S*).

P: Porquê essas práticas tão rigorosas, quanto consumidoras de tempo que são o *Hatha* e *Mantra*, quando existe este simples *Kriya Yoga* que encerra uma profunda filosofia para a percepção directa, sem qualquer complicada rede de conceitos e crenças?

S: A simplicidade não é atractiva, nem excitante. Ela não propicia muitos escapes cobiçados dos factos da dor, agonia e agitação da mente. Portanto, o simples entendimento torna-se difícil e ocupações complicadas bem como as obsessões são bem vindas. O senso comum torna-se incomum e a paz parece ser paradoxal. Prefere-se a experiência da alegria (é mero prazer que antecede o pesar), à existência feliz. A água não é importante, mas o vinho é. A virtude dos vegetais e dos frutos é ridícula, mas a vulgaridade da carne e do fumar são respeitados. *Hatha Yoga* e *Mantra Yoga* constituem um bom negócio, O *Kriya Yoga* não pode ser e não deve ser um negócio. Um *Hathayogi* ou *Mantrayogi* pode ser um bilionário, mas um *Kriyayogi* não.

Quando um miúdo malcriado não consegue sentar-se em paz para aprender e se é forçado a sentar-se, ele permanecerá desassossegado, espumando com muitas travessuras. Mas se se lhe pedir para correr sete vezes à volta de um grande jardim adjacente, então vereis que ele se senta sossegadamente no mesmo assento, e regressa sem qualquer inquietude e começa a estar atento aos estudos. Do mesmo modo, quando estais cansados de um transcendente alto perfil de *Hatha* e da monotonia do *Mantra*, talvez, então, estejais prontos para o processo de auto-conhecimento (não escapar ao *self*, eu) através da ponderação, prática e percepção do *Kriya Yoga*. *Yoga* é a libertação da desintegração, desarmonia, divisões, desordem, delusões, fragmentações, separações cisões, opostos, classificações, conflitos, e por aí fora. Se o *Yoga* é meramente um programa de destreza física como o *Hatha Yoga*, então os ginastas e os atletas de circo deveriam ser reverenciados como supremos *Yogis*!

O sábio Patanjali coloca primeiro o “cochim *Samadhi*” e, depois, a “almofada *Sadhana* (prática)”, querendo com isso indicar que a libertação acontece de início. Se, quem quer que seja, não consegue ver isto naturalmente, deixai-o esperar, em sabedoria, sem ansiedade ou ambição, em qualquer prática (semelhante), da mesma natureza. Deste modo, tanto o *Hatha Yoga* como o *Mantra Yoga* têm o seu lugar próprio. O ego, contudo, não percebe. Ele tanto se agarra desesperadamente a qualquer coisa como se torna hostil a outras coisas. Muito *Mantra* conduz à obtusidade, não à quietude. E a mente em tranquilidade não é mente tranquila! Mas a pretensão e a expectativa é que só pelo canto, alguém se atinja *Moksha* (a suprema realização, libertação)!

***Pandit Bole Baat So Jhhutha, Ram Kahe Jagatgati Pawe, Khhand Kahe Muh Mitha!
Dhan Kahe Dhanik Jo Howe, Nirdhan Rahe Na Koi,
Bin Dekhe Bin Darás-Paras Binu Ram Ratey Kaa Hoi!!***

O que o padre diz é uma mentira. Se Moksha é para ser atingido por cantar “Ram”, então cantando “Açúcar” habilitar-nos-ia a degustar doçura na boca. Se fosse possível ser rico por

cantar “dinheiro”, então a pobreza seria apagada do planeta. Portanto, qual é a utilidade de cantar “Ram”, sem fenómeno de ver, sentir e perceber?

Mas, depois, a vaidade e assumidos interesses, proíbem-nos de ver a verdade e de transcender as nossas actividades auto-centradas. A essência do Yoga é não-tornar-se. E ver é possível no vazio da essência. Tal ver é virtude. Ver é conhecimento, sem cisão (divisão) na consciência. É a invasão da Inteligência que destrói totalmente o acumulativo, imitador, repetitivo, mecanismo defensivo da rede psicológica, chamada “Eu”. Tentar libertar-se da ilusão “EU”, passo a passo, através desta e daquela prática “espiritual” é o absurdo do mercado espiritual. E cortar as raízes do “Eu”, uma a uma, por meio da “análise” e “introspecção” é o absurdo psicológico do mercado médico.

Só existe o facto, - não a ideia, opinião, avaliação, julgamento acerca do facto. Enfrentar o facto é libertação, não alimentando-o ou lutando com ele por incorporação de ideias, acerca do facto.

DEUS (COMPREENSÃO PURA) QUE DE FACTO LIBERTA, NÃO TEM ADORADOR (O “EU”). DEUS NÃO ESTÁ NO MERCADO RELIGIOSO PARA SER COMPRADO OU VENDIDO. ELE NÃO PODE SER ENCONTRADO ATRAVÉS DOS SEUS OPOSTOS, TAIS COMO: AVIDEZ, MEDO, E CRENÇAS. A OMNIPRESENÇA NÃO CONHECE A OBSCURIDADE DOS OPOSTOS.

OBRIGADO YOGA